



Por uma pedagogia da festa no âmbito das práticas educativas da escola pluricultural Odé Kayodê: um olhar interdisciplinar

Maria de Fátima Gomes da Silva¹

1 Livre Docente da Universidade de Pernambuco-Brasil. Doutora em Ciências da Educação pela Universidade do Porto-Portugal



Personagem

Revista de estudos em educação, linguagem e teatralidades

Resumo:

O Número Zero de *Personagem: revista de estudos em educação, linguagem e teatralidades* reúne textos de autores vinculados à *Diálogos: rede internacional de pesquisa*. Os leitores encontrarão escritos sobre histórico, trajetórias e modos de pesquisar e conviver em coletivos acadêmicos e/ou artísticos no Brasil, Equador, China, Índia, Portugal, Colômbia e Argentina. O presente resumo é unificado para todos os artigos, que originalmente foram escritos por perspectivas mais ensaísticas e narrativas. Ressalta-se que o formato, bem como o estilo de cada texto, nessa edição especial de lançamento da revista, corresponde ao desejo de partilha de seus autores na relação com seus pares, o que garante ao número uma amplitude diversa de práticas coletivas de pesquisa e, por consequência, de experimentar o escrever sobre elas, ao redor do mundo.

Palavras-chave: Rede de Pesquisa; Educação; Linguagem; Teatralidades



1 INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta resultados de uma pesquisa acadêmica realizada no âmbito do Grupo de Pesquisas Interdisciplinares em Formação de Professores, Política e Gestão Educacional da Universidade de Pernambuco, cujo objetivo foi analisar vivências interdisciplinares nas práticas educativas da Escola Pluricultural Odé Kayodê (EPOK), no contexto de uma Pedagogia da Festa.

A EPOK, situada na Cidade de Goiás, é uma escola particular comunitária que tem como eixo as culturas africanas, afro-brasileiras e indígenas. Tem evidenciado potências transformadoras e transcendentais que podem impulsionar reorganizações em outros contextos educacionais e sociais com práticas educativas de caráter interdisciplinar.

Trata-se de uma escola que busca, por meio de uma Pedagogia da Festa, despertar o encantamento. Nessa perspectiva, a referida escola considera que educar deve ser sinônimo de ter entusiasmo e alegria em ensinar e aprender. Para os educadores, educadoras e estudantes da escola em questão, o ato de educar deve ser orientado pela compreensão de que os saberes devem ter sentido para a vida dos sujeitos que ensinam e que aprendem conjuntamente, interdisciplinarmente. A EPOK considera que a formação deverá assumir um caráter humanizador, devendo despertar o protagonismo para que problemáticas de ordem social e educacional sejam transformadas, de forma a dar lugar a práticas educativas criativas e inovadoras.

A educação na EPOK não se restringe ao sentido limitado de currículo, pois entende que é preciso dar condições para que os(as) estudantes leiam o mundo de maneira crítica e criativa. Nesse sentido, prima pelo desenvolvimento de uma educação integral num exercício de respeito e paciência em que procura adequar os tempos de cada educando(a), de forma a buscar o equilíbrio e a conexão com os sonhos e perspectivas do outro numa pedagógica busca de vivência da alteridade.

Com relação aos procedimentos metodológicos, esta pesquisa foi orientada pelos princípios da abordagem qualitativa, uma vez que esta permitiu uma melhor compreensão da problemática investigada, considerando que os dados coletados foram predominantemente descritivos. De fato, a abordagem qualitativa coadunou-se com o objeto de estudo desta investigação que pretendeu investigar vivências interdisciplinares das práticas educativas da EPOK, no âmbito de uma Pedagogia da Festa.

A análise dos dados foi realizada por meio da técnica de Análise de Conteúdo temático-categorial (BARDIN, 2014), a qual passou pelas seguintes fases: organização do material; codificação; categorização; o tratamento dos resultados obtidos e a interpretação. De acordo com Bardin (2014), a Análise de Conteúdo é aplicável aos mais diversos fins, podendo ser bastante diferentes os procedimentos de análise, ou seja, pode haver uma variação nos procedimentos conforme a natureza do objeto investigado.



Na sequência deste texto, reflet-se sobre a interdisciplinaridade. Seguidamente são apresentadas algumas considerações e reflexões sobre a EPOK e o que vem a ser uma Pedagogia da Festa. Em seguida, procede-se a uma análise interdisciplinar sobre as práticas educativas da EPOK, no âmbito de uma pedagogia da festa. Nas considerações finais recorda-se o objetivo deste estudo que foi analisar vivências interdisciplinares nas práticas educativas da EPOK, no contexto de uma Pedagogia da Festa.

2 SOBRE A INTERDISCIPLINARIDADE

O termo interdisciplinaridade tem grande relevância no meio acadêmico e social. No entanto, essa temática é passível de muitas interpretações e compreensões. No contexto atual da educação básica e superior, urge repensar as práticas educativas e compreender que práticas fragmentadas já não atendem às expectativas de professores(as) e dos estudantes.

Docentes e pesquisadores(as) da educação são consensuais em reconhecerem a necessidade de integrar disciplinas e contextualizar saberes. Assim, a interdisciplinaridade seria responsável por essa interação entre as ciências inovadoras e as abordagens de determinados conhecimentos o que, possivelmente, promoveria um maior dinamismo no processo de ensino e de aprendizagem e uma maior interação entre o(a) estudante, o(a) professor(a) e o conhecimento. Contudo, há ainda grandes dificuldades de se praticar a interdisciplinaridade na academia em face de fatores diversos que obstaculizam ações nesse sentido. Entre eles podem-se citar: a ausência de uma formação docente que contemple esses conhecimentos; a falta de uma relação dialógica entre professores(as) e estudantes e de uma parceria no âmbito da sala de aula que favoreçam vivências interdisciplinares.

Ressalta-se a importância da recorrência a essa temática, por considerar que na educação superior é preciso que haja novas formas de ensinar e de aprender de maneira articulada e interativa, com uma reorganização dos tempos e dos espaços, para propiciar aos(as) estudantes o desenvolvimento de habilidades que promovam a autonomia, por meio de um processo de pesquisa permanente que permitam soluções criativas e colaborativas para respostas aos desafios que lhes surgem.

Muitos autores já definiram o termo interdisciplinaridade, entre eles podem se citar: Pombo (2005); Silva (2009); Fazenda (2011); Crusoé (2014), porém, há divergências de entendimento quanto ao referido termo. Convém referir que a interdisciplinaridade pode acontecer entre professores(as) e do(a) professor(a) (KAFFER & COSTA, 2020). A primeira é construída por diversos(as) professores(as) e entre disciplinas distintas, enquanto que a segunda concepção, baseia-se na construção da interdisciplinaridade pelo(a) próprio(a) professora(a), possibilitando conhecer os conteúdos e as competências de ou-



tras disciplinas (KAFFER & COSTA, 2020).

Definir um conceito para a interdisciplinaridade foi uma questão típica do século XX e continua a perdurar pelo século XXI. Não há um único conceito que a defina, cada autor(a) aborda de uma maneira diferente, porém, os conceitos se assemelham. Para Leis (2005, p. 5) “qualquer demanda por uma definição unívoca e definitiva do conceito de interdisciplinaridade deve ser rejeitada, por tratar-se de proposta que inevitavelmente está sendo feita a partir de alguma das culturas disciplinares existentes”.

A interdisciplinaridade pode ser entendida como resultado da evolução histórica e de uma mudança paradigmática (BODNAR, 2016). Essa definição de interdisciplinaridade a coloca como sendo essencial ao desenvolvimento humano e educacional, pois se ela resulta da evolução histórica e de uma mudança paradigmática a sua vivência na educação deverá significar mudança e inovação e é imprescindível.

Cabe à educação superior buscar essa transformação, por meio da interdisciplinaridade, pois a lógica instrumental moldou a ciência que se subdividiu em dezenas de especialidades (FERNANDES & RAUEN, 2016). Essa forma de divisão e fragmentação do conhecimento fez com as universidades se organizassem em departamentos e fracionasse o conhecimento, o que resultou numa excessiva especialização que formou profissionais que pensam o conhecimento de forma fragmentada e ignoram as interações entre as disciplinas e os saberes. Desse modo, esses(as) profissionais que trabalham na formação de professores(as), por vezes, não se dão conta dos males de práticas docentes que se enveredam por essa perspectiva.

Para Leis (2005, p. 3), “a interdisciplinaridade pode ser entendida como uma condição fundamental do ensino e da pesquisa (em níveis universitários e do segundo grau) na sociedade contemporânea”. Consiste também numa forma de cooperação entre disciplinas distintas para solucionar problemas complexos que só podem ser abordados pela combinação de vários pontos de vista. Para que essa cooperação aconteça é preciso que sejam feitas conexões entre as disciplinas e os saberes por diversos(as) professores(as) e disciplinas distintas e, também, pelos(as) próprios(as) professores(as) como foi anteriormente referido.

Philippi, Sobral e Fernandes (2013) consideram que a vivência da interdisciplinaridade envolve a integração das várias perspectivas disciplinares e suas contribuições para eliminar lacunas existentes nas fronteiras das disciplinas. Essa integração poderá resultar na produção de um conhecimento integrador que ajudará a dirimir problemas educacionais e sociais na totalidade. Para Massuga, Soares e Doliveira (2020, p. 3), “[...] a interdisciplinaridade pode ser definida em duas grandes dimensões: integração e formação[...]”. No que diz respeito a este estudo, a interdisciplinaridade foi perseguida como um processo integrador que possibilita novos conhecimentos, por meio do diálogo e da comunicação



entre professores(as) e estudantes. Ressalta-se que o conceito de interdisciplinaridade repousa, de certa forma, em um contexto disciplinar, visto que a interdisciplinaridade, segundo Lenoir (1998, p. 46), “[...] pressupõe a existência de ao menos duas disciplinas como referência e a presença de uma ação recíproca”, reforçando que “a perspectiva interdisciplinar não é, portanto, contrária à perspectiva disciplinar; ao contrário, não pode existir sem ela e, mais ainda, alimenta-se dela [...]”. Assim, é possível caracterizar a interdisciplinaridade, “[...] pela intensidade das trocas entre os especialistas e pela integração das disciplinas num mesmo projeto de pesquisa [...]” (LENOIR, 1998, p. 46).

Para Fazenda (2014, 31), “em termos de interdisciplinaridade ter-se-ia uma relação de reciprocidade, de mutualidade, ou melhor dizendo, um regime de co-propriedade, de interação, que irá possibilitar o diálogo entre os interessados [...]”. Fazenda aponta para a necessidade do diálogo entre as várias disciplinas, ou seja, para a criação de movimentos que propiciem o estabelecimento de relações entre elas, tendo como ponto de convergência a ação pedagógica que se desenvolve num trabalho cooperativo e reflexivo. Deste modo, ações dialógicas propiciariam o desenvolvimento da identidade das diversas disciplinas do currículo fortalecendo-as e possibilitando o reconhecimento da provisoriidade do conhecimento, por meio de questionamentos constantes das próprias posições assumidas e dos procedimentos adotados no que se refere à individualidade e à abertura à investigação em busca da totalidade do conhecimento.

Sob a perspectiva acima referida professores(as) e estudantes, sujeitos de sua própria ação, se engajariam num processo de investigação, redescoberta e construção coletiva do conhecimento, ignorando a divisão do conhecimento em disciplinas e compartilhando ideias, ações e reflexões.

Considera-se que a interdisciplinaridade é fundamentalmente um processo e uma filosofia de trabalho que entra em ação na hora de enfrentar o problema da fragmentação do conhecimento presente nas instituições de educação superior. O termo interdisciplinaridade, em seu aspecto conceitual, está carregado por equívocos e possibilidades, visto que a terminologia adotada é bastante vasta.

3 SOBRE A ESCOLA PLURICULTURAL ODÉ KAYODÊ (EPOK)

A EPOK pode ser definida como uma escola que trabalha com a diferença e que potencializa espaços de convivência que estão assentes no respeito e cooperação entre educadores e educandos. Ressalta-se a diversidade presente nas diversas práticas educativas que são materializadas por meio da leitura, da escrita e da formação à política. As ações acontecem de forma interdisciplinar, num contexto cultural, com objetivos socialmente referenciados.

O Espaço Cultural Vila Esperança, onde fica a EPOK, se localiza na periferia do esta-



do de Goiás, a 150 quilômetros da capital Goiânia (GO). Foi criado por um pequeno grupo de educadores(as) em 1991, a partir da necessidade de despertar a consciência da população para participar ativamente nas mudanças sociais e na conquista da cidadania através da Educação, da Cultura e da Arte. Com a crescente demanda de crianças foram iniciadas as atividades de teatro, dança e artes visuais, as vivências culturais, e construção de uma escola de ensino fundamental, a **EPOK**. A finalidade dessa escola é valorizar o ser humano pela valorização cultural de suas origens e da arte¹.

Referem os idealizadores da EPOK que a mesma “não surgiu porque faltavam escolas em Goiás. Mas, porque faltava essa”. Essa ideia perpassa as vozes de diferentes educadores e educadoras que circulam diariamente pelos caminhos de pedras, árvores, esculturas e símbolos indígenas e de religiões afro-brasileiras presentes no espaço onde está localizado a escola, no município de Goiás.

Embora tenha sido inaugurada em 2004, a EPOK resultou do encontro de muitas pessoas que há muito tempo já vinham transformando vidas e realidades, por meio do Espaço Cultural Vila Esperança. O terreno onde fica o Espaço Cultural era até a década de 1990, um local de depósito de lixo, às margens do Rio Vermelho, que recebeu os cuidados e o olhar de um dos fundadores do local, o educador Robson Max. Com poucos recursos, mas muitas ideias e força de vontade, ele se uniu a um grupo de artistas e educadores que foi tirando, um a um, os lixos jogados ali. A partir dessa ação inicial, a construção física e filosófica do espaço foi “tomando pé e posse” como explica Robson. Pouco tempo depois, a Vila dispunha de uma área de teatro e uma área de circo, e já era tida, na região, como um local de difusão de culturas, valorizando, especialmente, os povos originários e invisíveis do país, os indígenas, os africanos e os afro-brasileiros. O espaço é uma referência social, humana, artística e cultural para a comunidade e, ao longo do ano, oferece uma programação de eventos abertos a cidade, com atividades educativas e artísticas como artes plásticas, música, canto e dançaterapia.

A EPOK atualmente atende a 50 estudantes de Educação Infantil e Ensino Fundamental I. Um projeto que, como conta a diretora, Rosângela Magda, muitos dos educadores “foram ajudando a nascer”. A concepção de educação que prevalece é a de que a aprendizagem não se dá fora de um contexto real da sociedade. Busca-se educar não para que os indivíduos se adaptem à realidade, mas para que nela atuem politicamente, provocando grandes transformações sociais. O conhecimento, para a escola, não é algo dado, tampouco transmitido, mais sim uma busca, constante construção.

O nome da escola diz muito do que ela acredita para seus(suas) educandos(as),

1 A Escola Odé Kayodê é pautada sob o Art. 3º do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), onde em condições de liberdade e dignidade, é assegurado à criança e ao adolescente desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, direitos fundamentais à vida.



professores(as) e comunidade: na língua lorubá, “Odé” significa caçador - não caçador de animais, mas, caçador de si mesmo, e “Kayodê”, alegria. A escola apresenta-se, então, como uma “caçadora de alegria”, pressuposto filosófico que sustenta sua concepção e prática pedagógica. A escola trabalha com a Pedagogia da Festa, que é uma proposta de exercício de habilidades para dança, teatro e música: o que se pretende em termos de prática é extrair das estruturas dançadas, cantadas e tocadas do coco e ciranda sua condição dramática. Esta experiência pedagógica deverá ter a mesma fluência entre artistas em formação ou em continuidade de aprimoramento profissional, como ser adaptável a agrupamentos comunitários guardados as devidas expressões de linguagem em cada contexto. A partir e para além de algumas experiências de parceria com as Secretarias Municipal e Estadual de Educação, foi criada a Escola Pluricultural Odé Kayodê (EPOK).

A EPOK também mantém uma fundação sem fins lucrativos chamada Espaço Cultural Vila Esperança, construída pelos(as) fundadores(as) com seu patrimônio pessoal e ajuda solidária de amigos. Não mantém convênio com nenhuma entidade ou órgão governamental sendo sustentado pelo trabalho profissional do Grupo-Circo. Conta, ainda, com o apoio temporário de pequenos grupos que solidariamente ajudam em parte da manutenção geral.

Também são realizados alguns projetos no calendário anual da EPOK, entre eles citam-se os seguintes projetos: Projeto Ancestralidade, carinhosamente chamado de Projeto Vovó, que consiste no respeito aos idosos, valor à sabedoria, experiências e histórias de vida dos que construíram Goiás e o Brasil como ponto forte do projeto; Projeto Ñande Rekô (Nosso Modo de Ser), com estudos e atividades relacionadas às culturas indígenas no Brasil; e, o Projeto Festa da Terra que engloba estudos e atividades referentes às tradições populares relacionadas ao homem do campo (festas juninas) e culturas Andinas (colheita e preparo da esperança), com estudos e atividades relacionadas às origens africanas e afro descendentes.

4 SOBRE A PEDAGOGIA DA FESTA

A Pedagogia da Festa adotada pela EPOK, consiste em encontros que visam o vínculo afetivo estabelecido em partilhas e festas que ultrapassam momentos burocráticos e buscam o diferente. Para Souza:

A Pedagogia da Festa é uma proposta de exercício de habilidades para dança, teatro e música de forma elementar levados à cena, cujas características de aprofundamento da fruição façam parte dos estágios principais de aprendizagem e que elucide o quanto a alegria educa (SOUZA, 2012, p.1)..

Essas habilidades de dança, teatro e música fazem parte da rotina da EPOK. Segun-



do o *site* Escolas Transformadoras [s.d.], a “Pedagogia da Festa” consiste na possibilidade de buscar pessoas, tempos e espaços para fazer a diferença e promover a transformação a partir de situações postas. Ressalta o referido *site* que a escola em questão, promove encontros que visam o vínculo afetivo estabelecido em partilhas e festas e que ultrapassam momentos burocráticos e buscam o diferente.

Entre as celebrações promovidas pelos educandos, educadores, famílias e comunidade, está a Porancê Poranga que significa “reunião para dançar bonito” – aula de ritmo e percussão que parte da concepção de que somos únicos no universo, mas que só conseguimos nos afinar em roda coletiva; e, a Festa da Terra, na qual os familiares se organizam para a realização conjunta de uma festa na rua, englobando os aspectos de tradições populares, cultura rural e agroecologia.

A presença da interdisciplinaridade nas práticas educativas da EPOK foi adotada nesta pesquisa com base na ideia de que uma prática interdisciplinar é fundamentada na alteridade, e implica um novo olhar para a elaboração do processo de ensinar e aprender. Nesse sentido, é preciso motivar os(as) estudantes a descobrirem, questionarem e recriarem juntos(as) o que já está prescrito e organizado, por meio de uma relação dialógica, interativa e de descobertas que uma Pedagogia da Festa possibilita.

Segundo Klein (2008), uma prática interdisciplinar na Educação Básica pode ser elaborada com base em pressupostos que formam a base da teoria do ensino interdisciplinar, a qual está fundamentada numa pedagogia apropriada, num processo integrador, mudança institucional e relação entre disciplinaridade e interdisciplinaridade.

Com relação à pedagogia apropriada, primeiro pressuposto da teoria do ensino interdisciplinar, este assegura que a vivência de uma prática interdisciplinar se baseia,

[...] num trabalho em colaboração [...] normalmente por intermédio de exercícios e projetos de pequenos grupos. [...]. Aprendizado baseado na prática e na descoberta, assim como jogos e dramatização também encorajam as conexões, como os modelos de aprendizagem processuais e dialógicos, que põem peso na consciência do papel do pensamento crítico. (KLEIN, 2008, p.119).

A pedagogia apropriada para a vivência da interdisciplinaridade exige que os sujeitos elaborem projetos ou grupos de trabalhos, os quais favorecem a colaboração entre os(as) professores(as), estudantes e a comunidade.

O processo integrador, segundo pressuposto da teoria do ensino interdisciplinar Klein (2008, p. 121), exige que a interdisciplinaridade seja vivenciada em “equilíbrio entre amplitude, profundidade e síntese”. Refere ainda Klein (2008), que a amplitude assegura uma larga base de conhecimento e informação. A profundidade o requisito disciplinar,



profissional e/ou conhecimento e informação interdisciplinar para a tarefa a ser executada. A síntese assegura o processo integrador.

Sobre a mudança institucional, terceiro pressuposto que constitui a teoria de um ensino interdisciplinar, Klein (2008) requer uma profunda transformação na forma organizacional e institucional das escolas, uma vez que no ensino interdisciplinar, para além de exigir mudanças contundentes nas propostas curriculares, há necessidade, sobretudo, de uma mudança abrangente nas instituições e em sua organização como um todo.

O quarto e último pressuposto da teoria interdisciplinar, segundo Klein (2008), é a relação entre disciplinaridade e interdisciplinaridade. Este pressuposto assegura que a vivência de uma prática interdisciplinar busca uma relação complexa, a qual assegura que o “[...] projeto curricular vai incorporar tanto a perspectiva interdisciplinar como a perspectiva baseada em disciplinas” (KLEIN, 2008, p. 123). Nessa perspectiva, a vivência da interdisciplinaridade não surge para dirimir os saberes disciplinares, nem eliminar as disciplinas, pelo contrário, assegura à inter-relação e intercomunicação necessária entre os conteúdos, evitando a fragmentação do conhecimento.

Ressalta-se, pois, que a análise dos dados materiais nesta pesquisa está orientada pelas seguintes dimensões: vivências interdisciplinares por meio da Pedagogia da Festa da Escola Odé Kayodê; práticas democráticas presentes no trabalho em equipe; significados interdisciplinares presentes no fazer diferente na rotina da escola.

A análise dos dados, sustentada por essas dimensões buscou identificar nas práticas docentes voltadas para uma Pedagogia da Festa, a vivência de um processo integrador, a mudança institucional e relação entre disciplinaridade e interdisciplinaridade, pois conforme foi anteriormente referido, esses pressupostos formam a base da teoria do ensino interdisciplinar. É, portanto, dessa forma que no seguimento deste trabalho, apresenta-se uma análise de dois vídeos documentários sobre a EPOK.

5 UMA ANÁLISE INTERDISCIPLINAR DAS PRÁTICAS EDUCATIVAS DA ESCOLA PLURICULTURAL ODÉ KAYODÊ NO ÂMBITO DE UMA PEDAGOGIA DA FESTA

Neste subitem procede-se a uma análise das práticas educativas da EPOK, tendo em conta três dimensões que nortearam esta análise, a saber: vivências interdisciplinares por meio da Pedagogia da Festa da Escola Odé Kayodê; práticas democráticas presentes no trabalho em equipe; e significados interdisciplinares presentes no fazer diferente na rotina da escola. Esta análise apoia-se em três pressupostos que formam a base da teoria do ensino interdisciplinar, ou seja, a vivência de um processo integrador, a mudança institucional e relação entre disciplinaridade e interdisciplinaridade. Ressalta-se que nos vídeos documentários a seguir analisados, há cenas em que não aparecem os nomes das



peessoas pelo que, para esses casos, resolveu-se denominá-los(as) de “menino”, “menina”, “narrador(a)”.

Desse modo, foram analisados os seguintes vídeos documentários da Escola Pluricultural Odé Kayodê: Vila Esperança (sd) e Projeto Vivências Culturais (sd). Primeiramente os vídeos documentários são descritos e, a seguir, procede-se a uma análise dos mesmos, considerando a vivência da interdisciplinaridade, por meio de uma Pedagogia da Festa.

O vídeo documentário Vila Esperança descrito a seguir fala do Espaço Cultural Vila Esperança, na Cidade de Goiás. Há uma narradora que inicia o vídeo apresentando o projeto cultural Vila Esperança da seguinte forma:

O projeto cultural Vila Esperança, se localiza na periferia da cidade. Inserido numa realidade de carências, a Vila Esperança surge como uma possibilidade de que um mundo melhor é possível. A transformação de um terreno baldio que se encontrava em sinal de total abandono e desvalorização ambiental em um lugar de sonhos. Sonhos que nasceram do encontro de dois amigos, que até então estavam em caminhos distintos, procurando encontrar os mesmos ideais de vida. E que aqui, na cidade de Goiás, conseguem estruturar um projeto que aborda temas relacionados ao contexto da realidade social, cultural e ambiental da população brasileira. (NARRADOR, sd).

Logo após a apresentação da narradora, o professor Pio Campo - Fundador do projeto/dança terapeuta relata que,

Com as crianças a gente canta muitas vezes, um canto que se chama aqui outro mundo é possível. Penso que a Vila é essa realização em caminho de uma realidade nova e quando as crianças cantam isso, elas cantam com uma força que é um sinal pra nós, que isso já de alguma forma está acontecendo. (PIO CAMPO, sd)

Após a fala do professor Pio Campo, o professor Robson Max, que é diretor e também Fundador do Projeto diz:

Nós também cantamos muito, com muita energia, com muito gosto a música o “caçador de mim” de Milton Nascimento. Nesse resgate cultural, essa busca de si mesmo, a gente mantém os olhos na ideia do caçador. Caçador que é caça, que exerce papéis e funções e numa sociedade, num grupo circular, mais possível. O proje-



to trabalha com o diferente. Diferentes culturas, diferentes pessoas e diferentes propostas. (ROBSON MAX, sd)

Durante a fala do professor Robson Marx, aparecem cenas de crianças e adultos numa roda africana e numa roda de capoeira. Seguidamente o professor Robson Max re-memora a sua experiência em grupos estudantis,

Na minha mais tenra juventude, eu participava de grupos estudantis, e buscava um mundo melhor. Condições de vida digna, justiça social, todos esses sonhos possíveis de serem realizados. Eu participava de alguns grupos que trabalhava na rua. Então na educação de crianças de rua ou de mulheres marginalizadas, eu via que o que dava realmente certo que chegava às pessoas e que faziam bem a elas, era aquilo que fosse afetivo e cultural. Então eu escolhi esse filão de ouro para trabalhar junto com meus companheiros a questão da identidade cultural, porque eu sou brasileiro. Então eu sou brasileiro, eu sou índio, eu sou negro e sou também branco. (ROBSON MAX, sd).

Em seguida entra em cena a professora Rosângela (Tia Rô) – Diretora Pedagógica e diz:

A gente, nosso grupo, nosso espaço, nossa escola, é inspirada em vários pensadores da educação para poder fundamentar a nossa prática pedagógica. A gente tem o fazer, a experiência, a liberdade. A escola é o lugar essencial para aprender a conviver. (ROSÂNGELA, sd)

Na sequência, o professor Pio Campos refere que:

A dança aqui na Vila é um meio poderoso de transformação. Transformação de uma realidade humana, de uma realidade social. Penso que através do corpo dançando, dum corpo em movimento, a gente tem aqui a possibilidade de descobrir que as diferenças entre as pessoas não são ameaças. As crianças aqui na Vila, por exemplo, depois de um tempo que frequentam as aulas de dança e, depois de um tempo em que essa linguagem se torna realmente a linguagem naturalmente delas, fazem essa experiência de dança num asilo, onde tem pessoas com deficiências físicas e psíquicas graves. Se comunicam com essas pessoas com o prazer em descobrir que nenhuma situação te impede de comunicar através do movimento, e que através da dança é



possível encontrar, a dança é algo que é comum a todos os seres humanos. (PIO CAMPO, sd)

Nesse momento, aparecem cenas que mostram crianças realizando movimentos corporais com idosos. Em continuidade, o vídeo apresenta o depoimento de um aluno, o Ronaldo Alves, que é presidente do Governo Mirim da EPOK, o qual afirma:

Uma coisa que eu aprendi muito aqui na Vila, é não ter preconceito, porque o preconceito é o que gera as guerras que a gente vê muito nesse mundo. É respeitar o que nós somos, o nosso jeito de pensar, as nossas ideias, o que a gente quer para nós. Cada um respeitar o que a pessoa sente e o que a pessoa quer falar. De ter essa força, de lutar pelo que você quer, de saber suas raízes, de respeitar você mesmo e de gostar de você mesmo. (RONALDO ALVES, sd)

Já a aluna Jéssica Maria se expressa da seguinte forma:

Eu não vou esquecer que aqui existe, porque todo mundo aqui dá muito apoio para gente. Aqui nessa escola a gente aprende dançando, brincando, se divertindo muito. Aqui a gente aprende muito feliz. (JÉSSICA MARIA, sd)

A aluna Adriana Natália que é membro do Conselho Jovem afirma que:

A Vila me ajudou num dos pontos mais importantes que é a mentalidade. Me ajudou a desenvolver, eu aprendi várias culturas que é a africana, a indígena, que me ajudou muito a reconhecer a história dos meus antepassados, do nosso povo. (ADRIANA NATÁLIA, sd)

A professora Lúcia Augostini - Diretora Executiva da EPOK afirma:

A Vila me acolheu. E a Vila acolhe e recebe todos E cada um escolhe depois se continua o caminho e como que vai acrescentar à Vila. A Vila é como uma entidade né, é maior do que qualquer um de nós. É maior do que o Robson, maior do que o Pio, é maior do que mim, é maior do que todos que tão aqui e que virão. Ela que, que é a nossa acolhedora, a nossa sonhadora, aquela que dá pra nós os presentes todos os dias. E nós somos ela também. Então todos nós, todo dia podemos ampliar ela, render ela mais bonita, mais rica, mais forte, mais doce. Todos nós e todos que virão. Que a Vila vai durar para sempre. (LÚCIA AUGOSTINI, sd)

Por fim, a narradora para concluir o vídeo afirma:



Se a gente quiser um outro mundo pode ser construído. Plantando, regando e colhendo mais respeito e amor. A trajetória é longa, difícil e permeada de construções sócio ideológicas de um mundo que exclui, mas com a gente pode ser diferente porque um outro mundo é possível. Um mundo de paz, respeito e infinitas possibilidades de ser feliz. Este é o nosso caminho, um caminho de esperança. (NARRADORA, sd).

Infere-se que o discurso da narradora, anteriormente referido, sinaliza para a vivência de práticas democráticas por meio do trabalho em equipe, pois se pode observar uma referência ao diálogo e escuta entre dois amigos, quando ela refere: “[...]sonhos que nasceram do encontro de dois amigos, que até então estavam em caminhos distintos, procurando encontrar os mesmos ideais de vida”. Com base nesse discurso da narradora, observa-se que desde a concepção da escola, esta foi orientada pela construção de uma educação democrática, conduzida pelo diálogo, escuta, autonomia e protagonismo do estudante, que são aspectos essenciais a construção de uma educação democrática.

Na análise do vídeo em questão foram identificados significados interdisciplinares, presentes no fazer diferente na rotina da EPOK no discurso do professor Pio Campo. Depreende-se do discurso desse professor indícios de um processo integrador e uma intercomunicação que sinalizam uma prática interdisciplinar, por meio de uma Pedagogia da Festa, que é evidenciada no canto das crianças com os(as) professores(as), conforme refere Pio Campo quando afirma: “com as crianças a gente canta muitas vezes um canto que se chama aqui outro mundo é possível”.

Registrou-se também no discurso do professor Robson Max sinalizações para vivências interdisciplinares, por meio de uma prática democrática, exercida com base num processo integrador, vivenciado com amplitude, profundidade e síntese. Esse registro foi feito tendo por base o que refere esse professor ao dizer:

“[...] nós também cantamos muito, com muita energia, com muito gosto a música o Caçador de mim de Milton Nascimento. Nesse resgate cultural, essa busca de si mesmo, a gente mantém os olhos na ideia do caçador. Caçador que é caça, que exerce, papéis, funções numa sociedade, num grupo circular[...]” (ROBSON MAX, sd.).

Há aqui a ideia de integração de sujeito coletivo que indica, de fato, o exercício de uma prática interdisciplinar baseada no exercício da alteridade.

No discurso da Professora Rosângela (Tia Rô) registrou-se significados interdisciplinares presentes no fazer diferente na rotina da EPOK, quando ela refere:
a gente, nosso grupo, nosso espaço, nossa esco-



la, é inspira em vários pensadores da educação para poder fundamentar a nossa prática pedagógica. A gente tem o fazer, a experiência, a liberdade. A escola é o lugar essencial para aprender a conviver. (ROSÂNGELA, sd.).

Os significados interdisciplinares presentes nesse trecho de discurso da Professora Rosângela podem ser sublinhados nos seguintes conteúdos: “a gente, nosso grupo, nosso espaço, nossa escola [...]”. Observe-se que aqui o pronome utilizado é sempre “o nosso” e nunca o “eu”. Compreende-se que esse discurso está eivado de significados interdisciplinares, que são materializados por um processo integrador que sintetiza as ações da escola numa ação coletiva referendada pelo termo “nosso”.

Esses trechos de discurso acima referidos sinalizam também vivências interdisciplinares e práticas democráticas, por meio do trabalho em equipe e significados interdisciplinares presentes no fazer diferente da rotina da EPOK.

De fato, essa ideia de trabalhar com o diferente aponta para um equilíbrio e uma amplitude de culturas, como também, para uma profundidade e síntese que asseguram um processo integrador no âmbito das práticas docentes da escola em questão. Isso está também presente na fala do Pio Campo quando este refere: “[...] penso que através do corpo dançando, d’um corpo em movimento, a gente tem aqui a possibilidade de descobrir que as diferenças entre as pessoas não são ameaças”.

Identificou-se ainda no discurso de Ronaldo Alves, a existência de um processo integrador nas práticas da EPOK, quando este afirma:

uma coisa que eu aprendi muito aqui na Vila é de não ter preconceito, porque o preconceito é o que gera as guerras que a gente ver muito nesse mundo. É respeitar o que nós somos, o nosso jeito de pensar, as nossas ideias, o, o que a gente quer pra nós. Cada um respeita o que a pessoa sente e o que a pessoa quer falar. De ter essa força, de lutar pelo que você quer, de saber suas raízes, de respeitar você mesmo e de gostar de você mesmo. (RONALDO ALVES, sd.).

Ao final da análise do vídeo documentário anteriormente referido, chegou-se à conclusão de que a vivência da interdisciplinaridade na EPOK é assegurada, principalmente, pelo respeito ao diferente, pela forma como a escola está organizada e, também, pelo processo de intercomunicação entre professores(as) e estudantes, fator necessário a uma prática interdisciplinar, pois esse processo integrador evita a fragmentação do conhecimento e propicia práticas interdisciplinares.

Outro vídeo documentário analisado no âmbito desta pesquisa foi o Projeto Vivências Culturais Porancê Poranga que será descrito a seguir.



No início do vídeo crianças e adultos participam de uma dança indígena. O Professor Robson Max diz: “vamos fazer o Porancê Poranga porque é muito bonito, nós admiramos as culturas indígenas e queremos vivenciar alguns aspectos dela na medida do nosso possível”.

Nas cenas seguintes, o Professor Robson Max pega um objeto indígena numa grande roda. Crianças participam de uma oficina de modelagem. Em seguida, o Professor Alemar Moreira, que é membro da Gerência de Pesquisa da Pós-Graduação e Extensão - IFG afirma que “na Vila Esperança toda vez que a gente vem é um encantamento. Ora se conhece as oficinas ligadas a cultura indígena, mas também na cultura africana a gente aprende muita coisa”. Após a fala de Alemar, aparecem cenas em que Robson numa roda fala que: “difíceis festa sem um tambor, principalmente pra nós brasileiros

Uma menina que participa do projeto “Rádio Vila” apresenta as vivências do projeto e, assim, diz:

Olá pessoal, bem-vindos a mais uma Ojó Odé, uma tarde especial de viver a cultura africana. Estamos no quilombo da Vila Esperança. Aqui a gente dança, canta e toca os tambores. Em roda fazemos um ensaio do afoxé, bloco afro-brasileiro que sai pelas ruas da cidade de Goiás (MENINA PROJETO RÁDIO VILA, sd.).

Nesse momento, aparecem cenas de pessoas no ensaio do Afoxé. Antes de descer para as oficinas, o professor Robson Max conta um mito africano dos orixás e diz: “hoje o mito é de Ibeji, homenageando a semana da criança”.

Após a fala do Professor Robson Max, uma Menina [2] continua sua apresentação dizendo:

Em seguida nos dividimos em grupo para fazer as oficinas. Na oficina de modelagem utilizamos o barro para criar peças como quatinhas e outras. Na estética África hoje produzimos adule. Aprendemos também o jogori que possui algumas regras mais complexas que o xadrez. (MENINA [2] DO DOCUMENTÁRIO, sd).

Aparecem cenas das crianças na oficina de estética africana. Em seguida, aparecem crianças e jovens numa oficina de percussão. Nesse momento, aparece uma Menina [3] que fala: “ah! e é claro, tem a oficina de percussão”. Uma jovem que participa da oficina de percussão fala sobre sua experiência afirmando:

E a primeira vez que eu venho aqui na Vila. E aí durante a vivência, eu pude participar da oficina de percussão. A gente aprendeu dois ritmos: Ijexá e Alujá. Eu gostei bastante, aprendi, né? A questão



dos ritmos é bem complicada, mas o professor soube conduzir a oficina muito bem. Eu gostei bastante dos dois ritmos, quero voltar mais vezes aqui na Vila para conhecer. Conhecer outras oficinas também e não só a de percussão, mas poder andar mais pela Vila, conhecer os outros trabalhos que eles fazem. E é isso, gostei bastante. (MENINA [3] DO DOCUMENTÁRIO, sd.).

Após as cenas da oficina de percussão, a Menina continua a apresentar o projeto vivências culturais e fala que: “depois das oficinas nos reunimos no quilombo; fazemos uma roda e compartilhamos o que cada um fez.; temos o banquete africano, cantamos e dançamos para nos despedir”. E, assim, o vídeo finaliza.

Da análise desse vídeo documentário, considerou-se que há nos relatos acima transcritos vivências interdisciplinares, por meio de uma Pedagogia da Festa, práticas democráticas presentes no trabalho em equipe, significados interdisciplinares presentes no fazer diferente na rotina da EPOK.

Essas dimensões de análise se materializam no vídeo documentário analisado, mediante um processo integrador e uma mudança ou diferença institucional, na forma como o currículo é conduzido, e também na relação existente entre disciplinaridade e interdisciplinaridade. Observe-se, pois, os seguintes excertos de discurso de Robson: “vamos fazer o Porancê Poranga porque é muito bonito, nós admiramos as culturas indígenas e queremos vivenciar alguns aspectos dela na medida do nosso possível”.

Há no discurso do Professor Robson Max significados e vivências interdisciplinares materializados na vivência de culturas indígena, a qual é proporcionada por um processo integrador que sugere uma prática interdisciplinar na “tarefa a ser executada” (KLEIN, 2008, p.121). Foi possível identificar esses significados quando o professor Robson Max refere: “vamos fazer o Porancê Poranga porque é muito bonito, nós admiramos as culturas indígenas e queremos vivenciar alguns aspectos dela na medida do nosso possível”.

Do discurso do Professor Alemar Moreira destacam-se indícios de vivência interdisciplinar, inter-relação e intercomunicação, que possibilitam a integração do conhecimento quando ele refere: “na Vila Esperança toda vez que a gente vem é um encantamento. Ora se conhece as oficinas ligadas à cultura indígena, mas também na cultura africana a gente aprende muita coisa”.

A análise desses dois vídeos documentários evidenciou vivências interdisciplinares por meio de uma Pedagogia da Festa, asseguradas por um processo integrador que é feito por meio da colaboração de todos(as). Essa prática interdisciplinar, cuja aprendizagem é baseada na descoberta, possibilita a construção do pensamento crítico, o qual combina a capacidade de questionar com atitudes de espírito aberto, o que é evidente nas práticas educativas da EPOK, e que permitiu anuir que nessa escola as práticas educativas



promovidas por uma Pedagogia da Festa são essencialmente interdisciplinares.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como conclusão, e recordando o objetivo que orientou este estudo, que foi analisar vivências interdisciplinares nas práticas educativas da EPOK, no contexto de uma Pedagogia da Festa, menciona-se que os resultados desta pesquisa sinalizaram para possibilidades de vivência da interdisciplinaridade nas práticas educativas da EPOK.

Da análise realizada foi possível concluir que na EPOK a interdisciplinaridade é vivenciada, por meio da integração das práticas educativas com meio o ambiente e pelo diálogo que é estabelecido com os diferentes saberes, através das múltiplas relações que são estabelecidas. Ressalta-se a valorização dos saberes humanísticos, com intuito de resgatar a sabedoria e evitar fragmentações do ensino.

Conclui-se que na EPOK há uma conexão do currículo na articulação com o ecossistema, promovendo uma racionalidade no processo do pensamento étnico, social, artístico, político, plural, humanístico e decolonial, que se manifesta por interações transformadoras para além dos muros da escola, de forma interdisciplinar. A interdisciplinaridade é vivenciada nas práticas educativas da EPOK, sendo estabelecida na relação entre o sujeito e o objeto de forma complexa.

Por fim, conclui-se que as práticas educativas da EPOK se perspectivam na direção de vivências afetivas, criativas e sustentáveis, de forma interdisciplinar, por intermédio de um processo integrador, de uma mudança institucional e da relação entre disciplinaridade e interdisciplinaridade, o que possibilita a construção de um conhecimento contextualizado, a partir de diversas manifestações culturais, sob diferentes óticas.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2014.
- BODNAR, Zenildo. A epistemologia interdisciplinar da sustentabilidade: por uma ecologia integral para a sustentação da casa comum. **Revista Brasileira de Direito**, Passo Fundo, v. 12, n. 2, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://seer.imes.edu.br/index.php/revistadedireito/article/view/1558/1000>. Acesso em: 10 ago. 2020.
- CRUSOÉ, N. M. C. **Prática Pedagógica interdisciplinar na Escola Fundamental**: sentidos atribuídos pelas professoras. Curitiba: CRV, 2014.
- DOCUMENTÁRIO Vila Esperança. **Escola Pluricultural Odé Kayodê**. Goiás: [s.n.] [sd], [20--]. 1 Vídeio. Disponível em: http://www.vilaesperanca.org/?page_id=8. Acesso em 19 Ago. 2020.
- DOCUMENTÁRIO Projeto Vivências Culturais. **Escola Pluricultural Odé Kayodê**. Goiás: [s.n.] [sd], [20--]. 1 Vídeio. Disponível em: http://www.vilaesperanca.org/?page_id=8. Acesso em 19 Ago. 2020.
- FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro**: efetividade ou ideologia. 6. ed. São Paulo: Edições Loyola Jesuíta, 2011.
- FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Interdisciplinaridade**: um projeto em parceria. 7. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.
- FERNANDES, Valdir; RAUEN, William Bonino. Sustainability: an interdisciplinary. field. **Fronteiras: Journal of Social, Technological and Environmental**, Anapólis, v.5, n.3, jul./dez. 2016. Disponível em: <http://periodicos.unievangelica.edu.br/index.php/fronteiras/article/view/2049/1835>. Acesso em: 12 mai. 2020.



- KAFER, Giovana Aparecida; COSTA, Denise Kriedte da. Formação Interdisciplinar Inicial e Continuada de Professores: mapeamento dos estudos desenvolvidos em programas de pós-graduação. **Revista Eletrônica Científica Ensino Interdisciplinar**, Mossoró, v. 6, n. 16, abril/2020. Disponível em: <http://natal.uern.br/periodicos/index.php/RECEL/issue/view/134>. Acesso em 10 ago. 2020.
- KLEIN, J. T. Ensino Interdisciplinar: didática e teoria. In: Fazenda, I. (org.). **Didática e Interdisciplinaridade**. 13. ed. Campinas, SP: Papirus, 2008, p. 109-132.
- LEIS, Ricardo Hector. Sobre o conceito de interdisciplinaridade. **Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas**, Florianópolis, v. 6, n. 73, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/cadernosdepesquisa/issue/view/523>. Acesso em 10 jul. 2020
- LENOIR, Yves. Didática e Interdisciplinaridade: uma complementaridade necessária e controlável. In: FAZEN-DA, Ivani C, Arantes (org.). **Didática e Interdisciplinaridade**. Campinas, SP: Papirus, 1998, p. 45-75.
- MASSUGA, Flávia; SOARES, Simone; DOLIVEIRA, Sérgio Luis Dias. Interdisciplinaridade como abordagem à Sustentabilidade: uma revisão sistemática. **Revista: CCCSS Contribuciones a las Ciencias Sociales**, Espanha, jan. 2020. Disponível em: <https://www.eumed.net/rev/cccss/2020/01/interdisciplinaridade-sustentabilidade.html>. Acesso em: 11 jul. 2020
- PHILIPPI, A *et al.* Desenvolvimento sustentável, interdisciplinaridade e ciências ambientais. **Revista Brasileira de Pós-graduação**, Brasília, v. 10, n. 21, fev. 2013. Disponível em: <http://ojs.rbpg.capes.gov.br/index.php/rbpg/issue/view/25>. Acesso em: 14 jun. 2020.
- POMBO, O. Interdisciplinaridade e Integração de Saberes. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v.1, n.1, p. 3-15 mar. 2005. Disponível em: <http://revista.ibict.br/liinc/article/view/3080/2776>. Acesso em: 15 ago. 2020
- SILVA, Maria de Fátima Gomes. **Para uma ressignificação da interdisciplinaridade na gestão dos currículos em Portugal e no Brasil**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2009.
- SOUZA, Maria A. Por uma Pedagogia da Festa. In: Congresso da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas, 7., 2012, [s.l.]. Anais Eletrônicos [...]. [s.l.]: [s.n.], 2012. Disponível em: <http://www.portalabrace.org/viicongresso/completos/etnocienologia/MARIA%20APARECIDA%20DE%20SOUZA%20-%20Por%20uma%20pedagogia%20da%20festa.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2019